



A Santa Sé

MENSAGEM URBI ET ORBI

(Natal do Senhor, 25 de Dezembro de 1997)

1. «A terra viu o seu Salvador».

Hoje, Natal do Senhor, vivemos profundamente a verdade destas palavras: a terra viu o seu Salvador.

Viram-no, primeiramente, os pastores de Belém, que, avisados pelos anjos,

apressaram-se a ir, com alegria, à pobre gruta.

Era noite, noite cheia de mistério.

O que lhes foi permitido ver com seus olhos?

Um Menino reclinado numa manjedeira, tendo junto dele, carinhosos, Maria e José.

Viram um menino mas, iluminados pela fé, reconheceram naquela frágil criatura o Deus feito homem, e lhe ofereceram seus pobres dons.

Deram assim início, sem o perceber,

àquele canto de louvor ao Emanuel,

Deus que veio habitar entre nós,

que se difundiria de geração em geração.

Cântico gozoso, que é património dos que, hoje,

dirigem-se espiritualmente a Belém,

para celebrar o nascimento do Senhor,

e louvam a Deus pelas maravilhas por Ele realizadas.

Também nós, a eles nos unimos pela fé

neste singular encontro de louvor

que, conforme a tradição, se renova cada ano no Natal,

aqui, na Praça São Pedro, e se conclui com a bênção,

que o Bispo de Roma concede *Urbi et Orbi*:

Urbi, isto é, a esta cidade que, graças ao ministério dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, «viu» de modo singular o Salvador do mundo.

Et Orbi, ou seja ao mundo inteiro, onde se propagou amplamente a Boa Nova da salvação, que alcançou, praticamente, os extremos confins da terra. A alegria do Natal tornou-se assim património de inúmeros povos e nações. Verdadeiramente, «todos os confins da terra foram testemunhas da obra de salvação do nosso Deus» (Sal 97[98],3).

2. A todos, portanto, é dirigida a mensagem da hodierna solenidade.

Todos são chamados a participar na alegria do Natal do Senhor.

«Aclamai o Senhor, terra inteira, rejubilai, exultai e cantai salmos!» (Sal 97[98], 4).

Dia de extraordinária alegria é o Natal do Senhor!

Esta alegria encheu o coração dos homens, e adquiriu inúmeras expressões na história e na cultura das nações cristãs:

no canto litúrgico e popular, na pintura, na literatura e em todo campo artístico.

Para a formação cristã de inteiras gerações, revestem-se de grande importância as tradições e os cantos, as representações sacras e, entre elas, o presépio,

Assim, o cântico dos anjos em Belém

teve um eco universal e variado

nos costumes, nas mentalidades, nas culturas de todos os tempos.

Encontrou um eco no coração de cada crente.

3. Hoje, dia de alegria para todos,

dia marcado por inúmeros apelos de paz e de fraternidade,

fazem-se mais fortes e incisivos o grito e a súplica

dos povos que aspiram pela liberdade e pela concórdia,

em preocupantes situações de violência étnica e política.

Hoje, ressoa ainda mais vibrante a voz

dos que estão generosamente comprometidos

em abater barreiras de medo e de agressividade,

em promover a compreensão entre homens
de distinta origem, cor e credo religioso.
Hoje, revelam-se mais dramáticos os sofrimentos
daqueles que se refugiam nas montanhas da própria terra
ou tentam desembarcar nas costas de Países vizinhos,
em busca de uma, ainda que leve, esperança de vida
menos precária e mais segura.

Mais angustiante é hoje o silêncio, cheio de tensões,
da multidão, sempre em aumento, dos novos pobres:
homens e mulheres sem trabalho nem casa,
crianças e menores ofendidos e profanados,
adolescentes alistados nas guerras dos adultos,
jovens vítimas da droga
ou atraídos por mitos enganadores.

Hoje é Natal, dia de esperança para povos longamente divididos,
que finalmente voltam a encontrar-se e a dialogar.

São perspectivas não raro tímidas e frágeis,
diálogos lentos e cansativos,
mas animados pela esperança
de alcançar finalmente acordos
respeitosos dos direitos e dos deveres de todos.

4. É Natal! Esta nossa humanidade extraviada,
a caminho do terceiro milénio,
espera por Vós, Menino de Belém,
che vindes manifestar o amor do Pai.
Vós, Rei da paz, nos convidais hoje a não temer
e a franquear nossos corações para horizontes de esperança.
Por isso, «cantamos ao Senhor um cântico novo,
porque fez maravilhas» (cf. Sal 97[98], 1).
Eis o maior prodígio realizado por Deus:
Ele mesmo fez-se homem, nasceu na noite de Belém,
ofereceu, por nós, sua própria vida sobre a Cruz,
ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras
e, mediante a Eucaristia, permanece connosco
até ao fim dos tempos.
Verdadeiramente «...o Verbo fez-Se homem
e habitou entre nós» (Jo 1,14).
A luz da fé faz-nos reconhecer
no Menino recém-nascido
o Deus eterno e imortal.

Da sua glória nos tornamos testemunhas.

Sendo onnipotente,

revestiui-se de extrema pobreza.

Eis a nossa fé, a fé da Igreja,

que nos permite confessar a glória do Filho unigénito de Deus,

apesar de os nossos olhos não verem mais do que o homem,

um Menino nascido no estábulo de Belém.

O Deus feito homem jaz, hoje, na manjedoura

e o universo, silencioso, o contempla.

Possa a humanidade reconhecê-lo como seu Salvador!